



No ES, taxa de desocupação recua e informalidade continua a crescer no segundo trimestre de 2019

O IBGE divulgou, em 15 de agosto de 2019, os dados da Pnad Contínua referentes ao 2º trimestre do ano de 2019. Apesar da redução de 1,1 p.p. na taxa de desocupação na comparação com o mesmo trimestre de 2018, a informalidade continua a crescer no mercado de trabalho capixaba.

DESOCUPAÇÃO E OCUPAÇÃO

No segundo trimestre do ano, cerca de 239,4 mil pessoas estavam a procura de trabalho no Espírito Santo. Este número representou uma taxa de desocupação de 10,9% da população capixaba na força de trabalho. Conforme gráfico 1, essa taxa é menor que a registrada para o Brasil (12,0%) e para a média da região sudeste (12,4%). No estado, a taxa de desocupação reduziu em 1,2 p.p. em relação ao primeiro trimestre do ano e 1,1 p.p. em relação ao segundo

trimestre de 2018. Na comparação com o segundo trimestre de 2018, houve uma redução de 5% no total de capixabas desocupados (gráfico 2).

No segundo trimestre de 2019, foi estimado 1,9 milhão de pessoas ocupadas no Espírito Santo. Com isso, dos 3,2 milhões de pessoas de 15 anos ou mais no estado, aproximadamente 60,1% estavam ocupadas, um aumento de 2,0 p.p. no nível de ocupação do estado na comparação com o primeiro trimestre do ano e de 3,1 p.p. em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

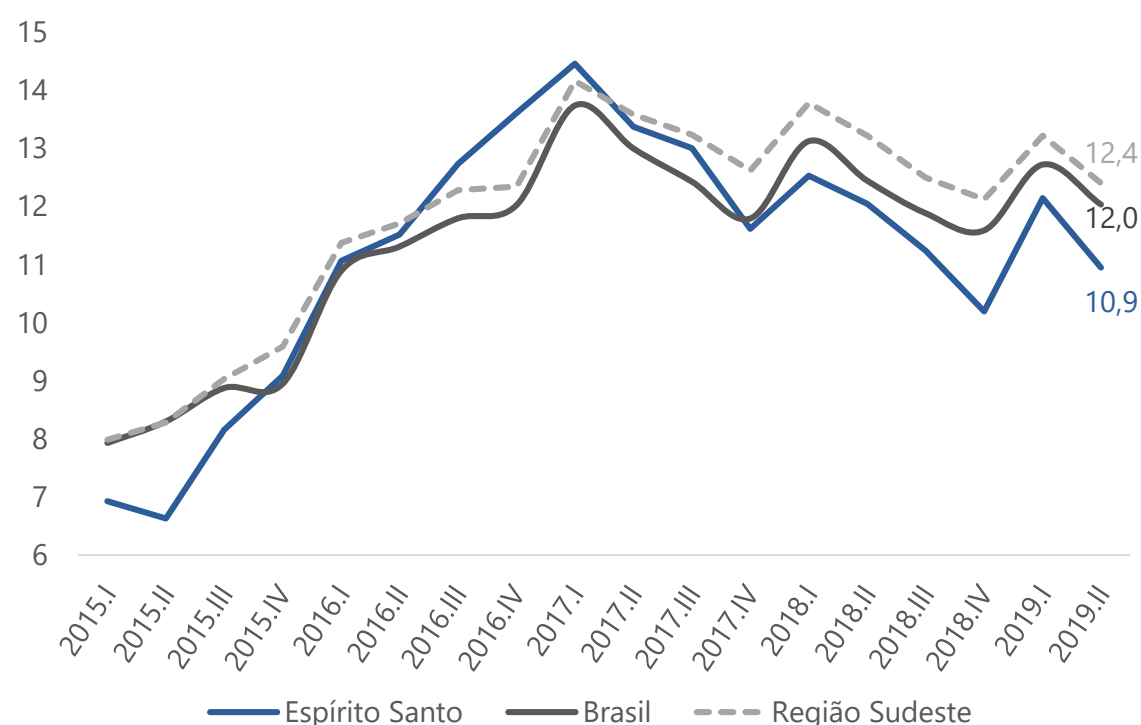
O Espírito Santo vem seguindo a tendência nacional de redução na taxa de desemprego. Para o país, a taxa de desocupação foi de 12,0%, inferior em 0,7 p.p. a taxa do primeiro trimestre de 2019 e inferior em 0,4 p.p. a taxa do segundo trimestre de 2018. A queda da desocupação demonstra uma lenta recuperação do mercado de trabalho, evidenciada pela tendência de redução da taxa de desocupação a partir de 2017.

Tabela 1 – Taxas de desocupação, ocupação e participação na força de trabalho – Espírito Santo e Brasil

Indicador*	Espírito Santo			Brasil		
	2º trim./2019 (%)	Variação (p.p.)		2º trim./2019 (%)	Variação (p.p.)	
		1º trim./2019	2º trim./2018		1º trim./2019	2º trim./2018
Taxa de desocupação	10,9	-1,2	-1,1	12,0	-0,7	-0,4
Nível da ocupação	60,1	2,0	3,1	54,6	0,8	0,9
Taxa de participação na força de trabalho	67,5	1,4	2,6	62,1	0,4	0,7

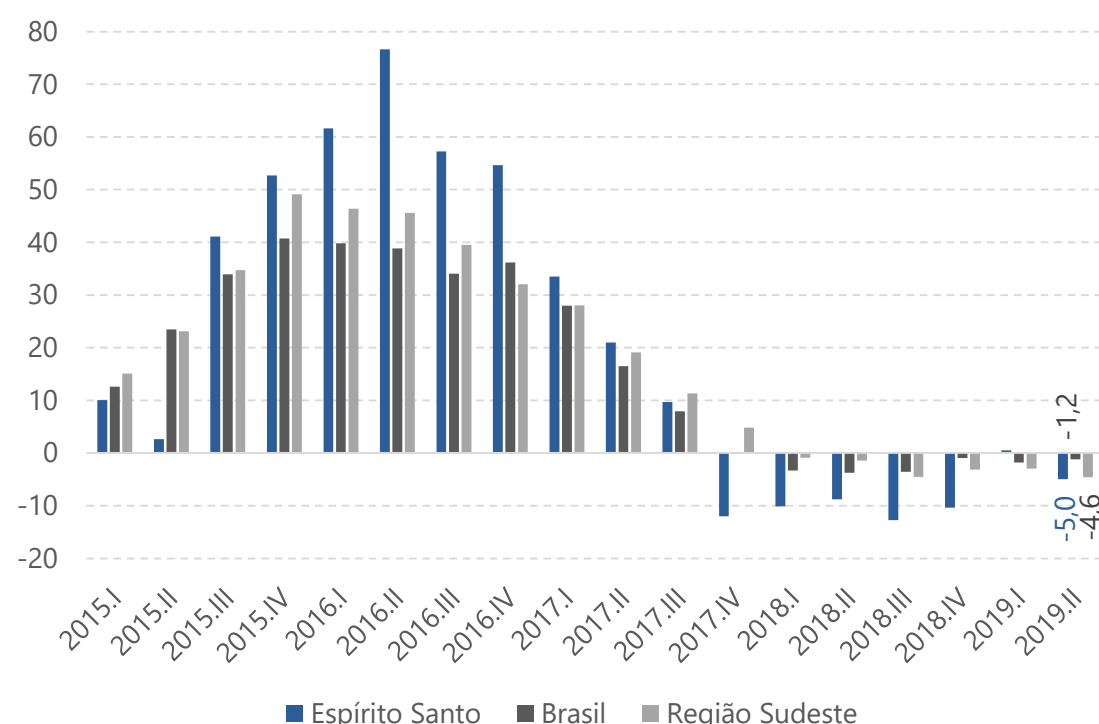
*Para melhor interpretação do indicador, sugere-se a leitura do box ao final da Nota.

Gráfico 1 – Taxa de desocupação (%) – Espírito Santo, Região Sudeste e Brasil



Fonte: Estimativas obtidas por meio dos microdados da Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração: IDEIES/Sistema FinDes.

Gráfico 2 – Variação da população desocupada (%) – Espírito Santo, Região Sudeste e Brasil
Base: mesmo trimestre do ano anterior





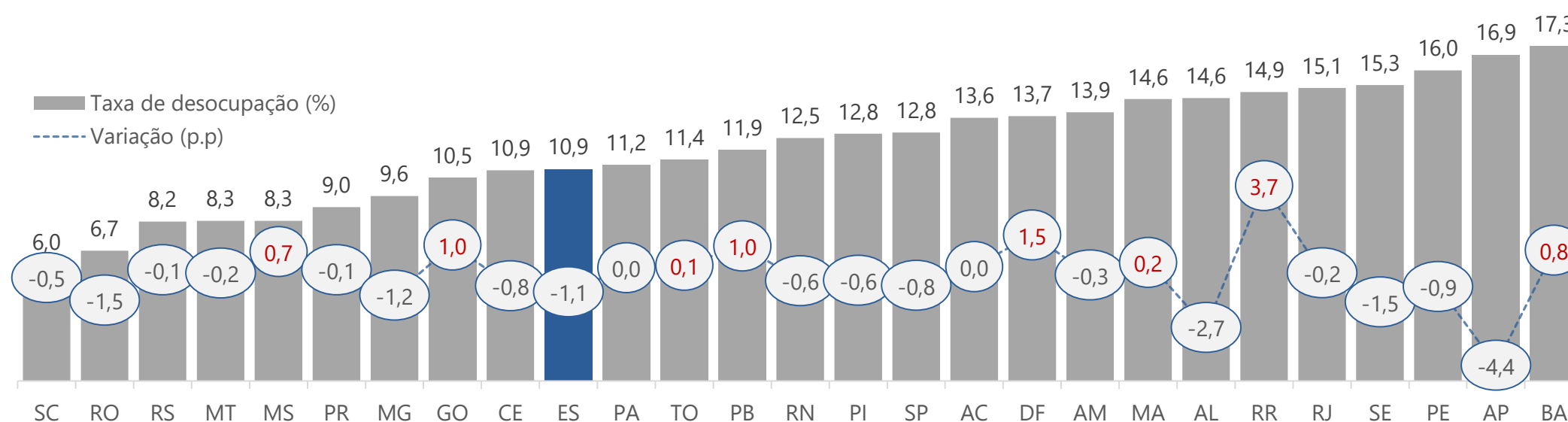
Entre as unidades da federação (gráfico 3), o Espírito Santo ficou na décima posição entre os estados com menor taxa de desocupação. Santa Catarina apresentou o menor valor para a taxa (6,0%) e Bahia foi o estado com maior taxa de desocupação estimada (17,3%).

No Espírito Santo, o percentual de pessoas que estão procurando emprego a mais de 2 anos foi de 24,4% no 2º trimestre (gráfico 4). Essa parcela é maior do que a registrada no 1º trimestre deste ano. Somados aqueles que estão desocupados há 1 ano ou mais, cerca de 39% da população desocupada no Espírito apresenta dificuldade de realocação no mercado de trabalho.

Na análise por nível de instrução (gráfico 5), é possível observar que a desocupação no estado esteve mais presente entre aqueles com ensino médio incompleto (18,5%). Esse mesmo resultado ocorreu para a população de 30 a 59 anos (10,3%). Já entre os desocupados de 18 a 29 anos, a maior taxa foi observada para os jovens que possuem ensino fundamental completo ou equivalente (22,8%).

Destaca-se que a desocupação continua a recair com mais intensidade sobre os jovens (18,6%). Mesmo entre aqueles com ensino superior completo, a taxa ainda é maior que a observada para a média da população capixaba (10,9%).

Gráfico 3 – Taxa de desocupação no 2º trimestre 2019 (%) e variação (p.p.) por Unidade da Federação
Variação 2º trimestre 2018 - 2º trimestre 2019¹



¹Círculos pintados em vermelho apontam a piora do indicador, já que indicam o aumento da taxa de desocupação. Círculos pintados em azul indicam a redução da taxa, conseqüentemente a melhora do indicador.

Fonte: Estimativas obtidas por meio dos microdados da Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: IDEIES/Sistema Findes.

Gráfico 4 – Distribuição (%) de desocupados por tempo de desocupação – Espírito Santo
2º trimestre de 2019

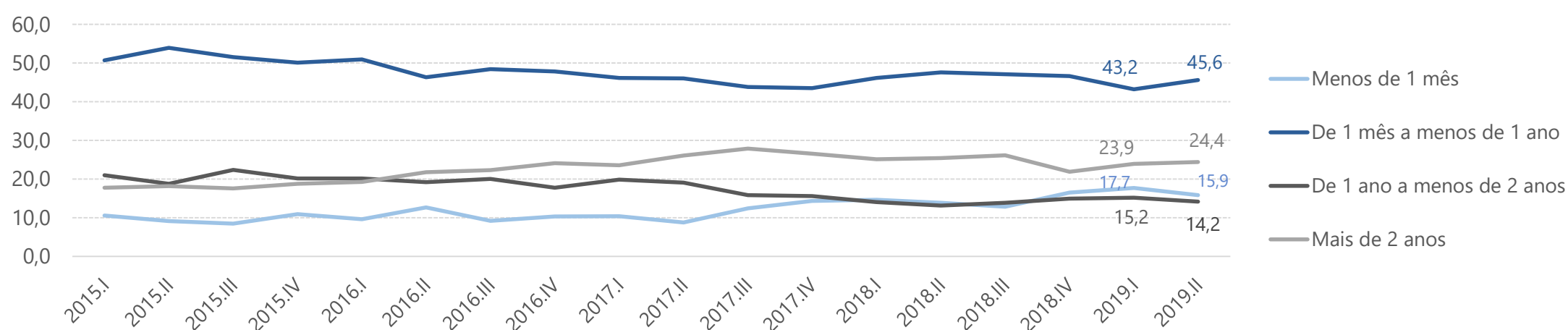
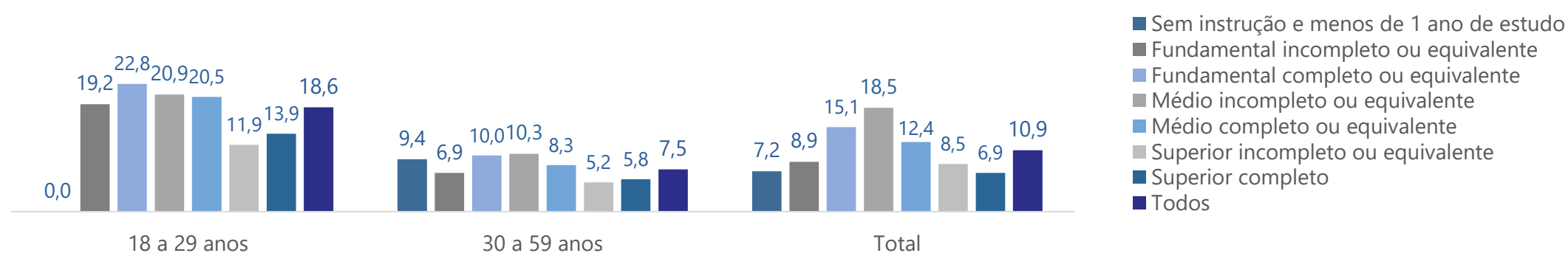


Gráfico 5 – Taxa de desocupação (%) por nível de instrução e faixa etária – Espírito Santo
2º trimestre de 2019



Fonte: Estimativas obtidas por meio dos microdados da Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: IDEIES/Sistema Findes.



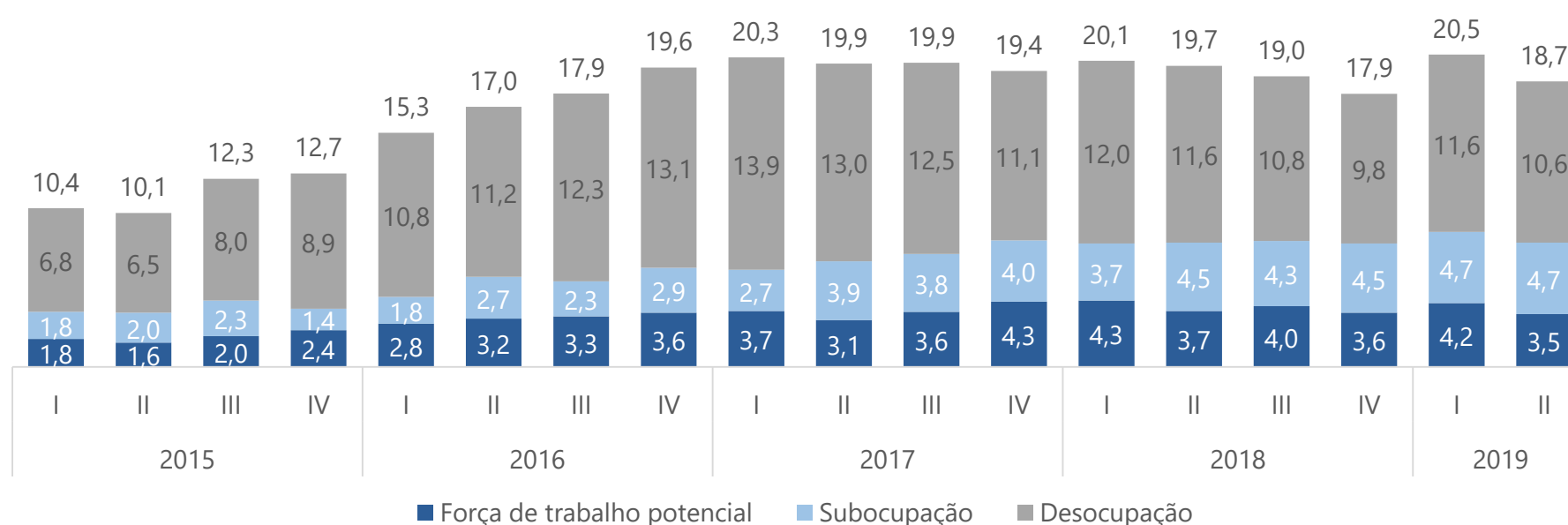
A desocupação é um indicador da mão de obra não absorvida pelo mercado de trabalho. Além dos desocupados, existe uma parcela da população ocupada que gostaria e poderia trabalhar mais horas por dia, estes são classificados como subocupados por insuficiência de horas trabalhadas. Soma-se a eles a força de trabalho potencial, que compreende a população que desistiu de procurar trabalho, dita desalentada, e também a população que não procura trabalho por não poder trabalhar devido a algum impedimento (não desalentada).

O total de pessoas desocupadas, subocupadas, desalentadas e não desalentadas expressa a subutilização da força de trabalho. No estado, foram 423,8 mil pessoas nesta situação, equivalendo a 18,7%

da população na força de trabalho ampliada. Este valor compreende a taxa composta de subutilização da força de trabalho, apresentada no gráfico 6. Apesar da redução de 1 p.p. desta taxa, na comparação com segundo trimestre de 2018 (gráfico 6), puxada pela redução do número de desocupados, fica evidente o aumento da participação dos subocupados (0,2 p.p.) e da força de trabalho potencial (0,2 p.p.). Esta última impulsionada em maior proporção pelo aumento dos desalentados que cresceu em 6% no período, enquanto os não desalentados apresentaram redução de 7%.

O aumento da população subocupada e desalentada reflete um cenário de debilidade do mercado de trabalho, não captado completamente pela taxa de desocupação.

Gráfico 6 – Taxa composta de subutilização da força de trabalho (%) - Espírito Santo
(Porcentagem e relação a força de trabalho ampliada)



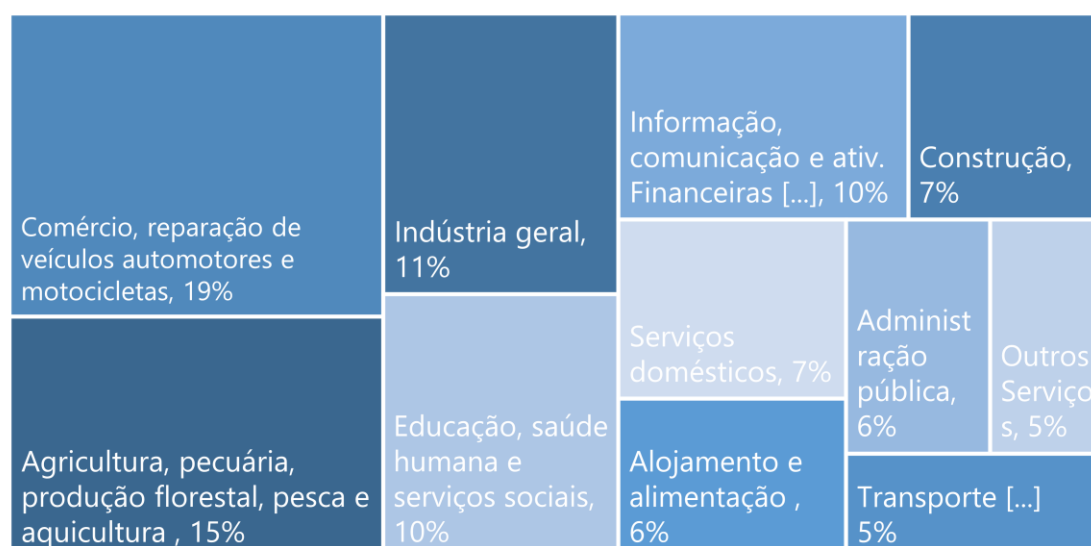
*Para melhor entendimento, sugere-se a leitura do box ao final da Nota.
Fonte: Estimativas obtidas por meio dos microdados da Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração: IDEIES/Sistema Findes.

OCUPADOS POR SETOR

De acordo com o gráfico 7, a maioria dos ocupados no segundo trimestre estava distribuída nas atividades de comércio (19%), agricultura (15%), indústria geral (11%) e serviços de educação e saúde (10%).

Os setores que mais aumentaram o número de ocupados em relação ao mesmo trimestre do ano anterior foram: (i) serviços domésticos (16,5%), (ii) alojamento e alimentação (11,5%) e (iii) informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas (10%).

Gráfico 7 – Distribuição dos ocupados por grupamentos de atividades na ocupação principal - Espírito Santo
2º trimestre de 2019



Fonte: Estimativas obtidas por meio dos microdados da Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração: IDEIES/Sistema Findes.



OCUPADOS POR CATEGORIA

No Espírito Santo, no segundo trimestre de 2019, 38,6% dos empregados tinham carteira de trabalho assinada, 28,2% estavam em trabalhos por conta própria e 18,4% eram empregados sem carteira de trabalho assinada. Somando as duas últimas categorias, evidencia-se que 46,6% da população capixaba ocupada estava em trabalhos sem proteção trabalhista. Para o Brasil este número foi menor, 43,9%, sendo 39,8% ocupados com carteira de trabalho assinada.

O Espírito Santo vem reduzindo a taxa de desocupação, porém, aqueles que encontram uma ocupação no mercado de trabalho, têm se deparado com postos de menor qualidade. Na variação interanual (gráfico 9) fica evidente esta situação para o segundo trimestre de 2019. O aumento de 12,0% no total de trabalhadores por conta própria (crescimento de 30,7% para aqueles com CNPJ), bem como o aumento de 16,5% de ocupados em serviços domésticos (com alta de 26,7% para aqueles com carteira assinada), bem acima do crescimento apresentado na média brasileira, de respectivos 5,0% e 0,7%, deixa claro que parte dos postos de trabalho criados no estado são precarizados e/ou de baixa qualidade.

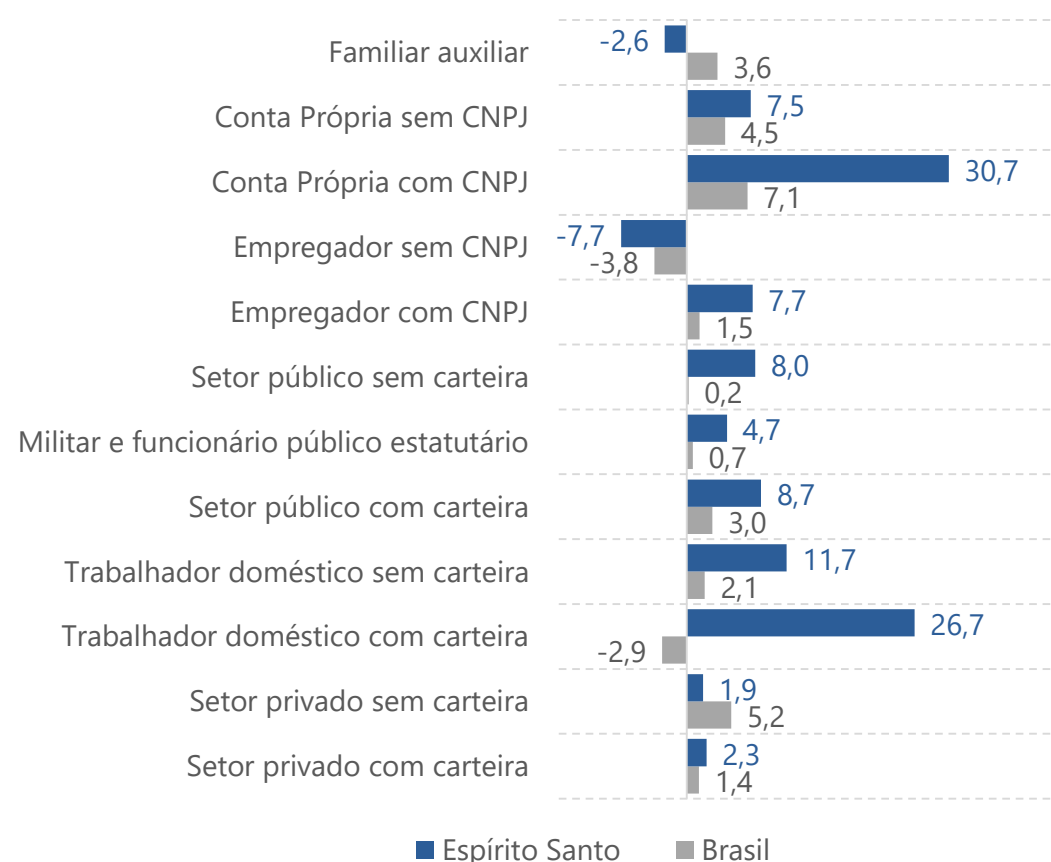
O gráfico 10 indica a trajetória de avanço da formalidade da informalidade na composição da variação da população ocupada a partir de 2017. O crescimento de 5,8% da população ocupada no segundo trimestre de 2019 foi puxado pela intensificação da

informalidade (3,6%) e pelo crescimento de 2,2% nos empregos formais.

O aumento da informalidade é um movimento que vem sendo notado também para o Brasil e reflete a tendência de piora nas condições de emprego no período pós crise.

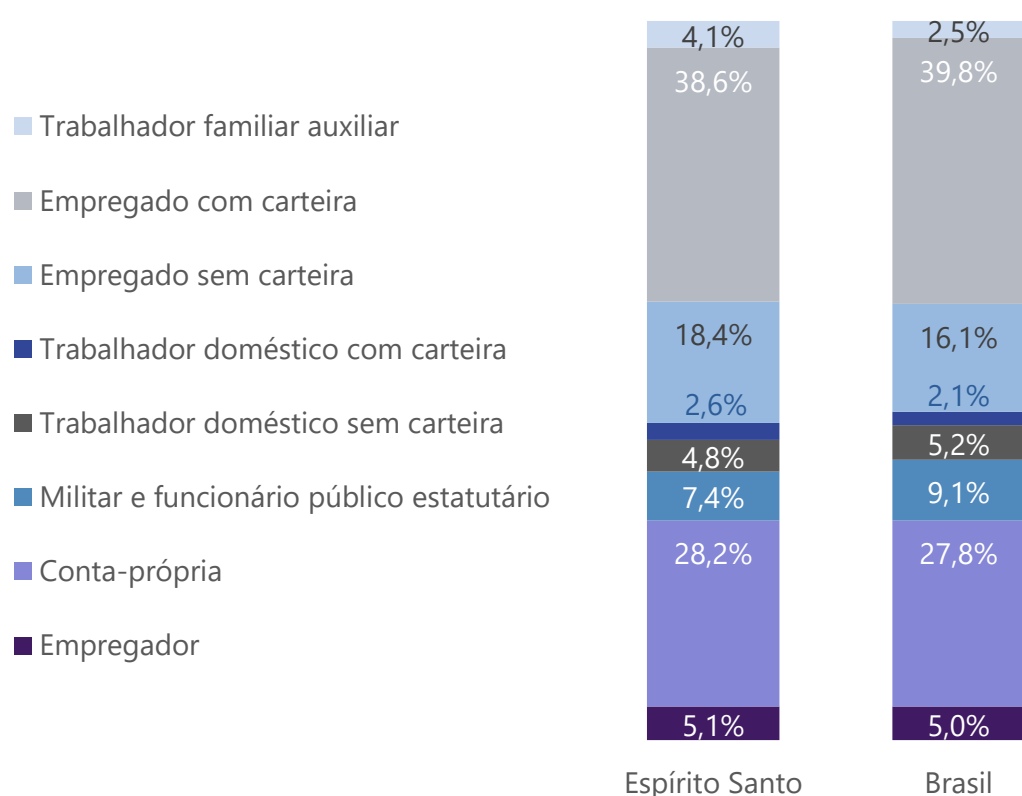
Gráfico 9 – Variação (%) da posição na ocupação e categoria de emprego - Espírito Santo e Brasil

Base: 2º trimestre de 2019 contra 2º trimestre de 2018



Fonte: Estimativas obtidas por meio dos microdados da Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração: IDEIES/Sistema Findes.

Gráfico 8 – Distribuição percentual dos ocupados por posição na ocupação e categoria de emprego - Espírito Santo e Brasil
2º trimestre de 2019

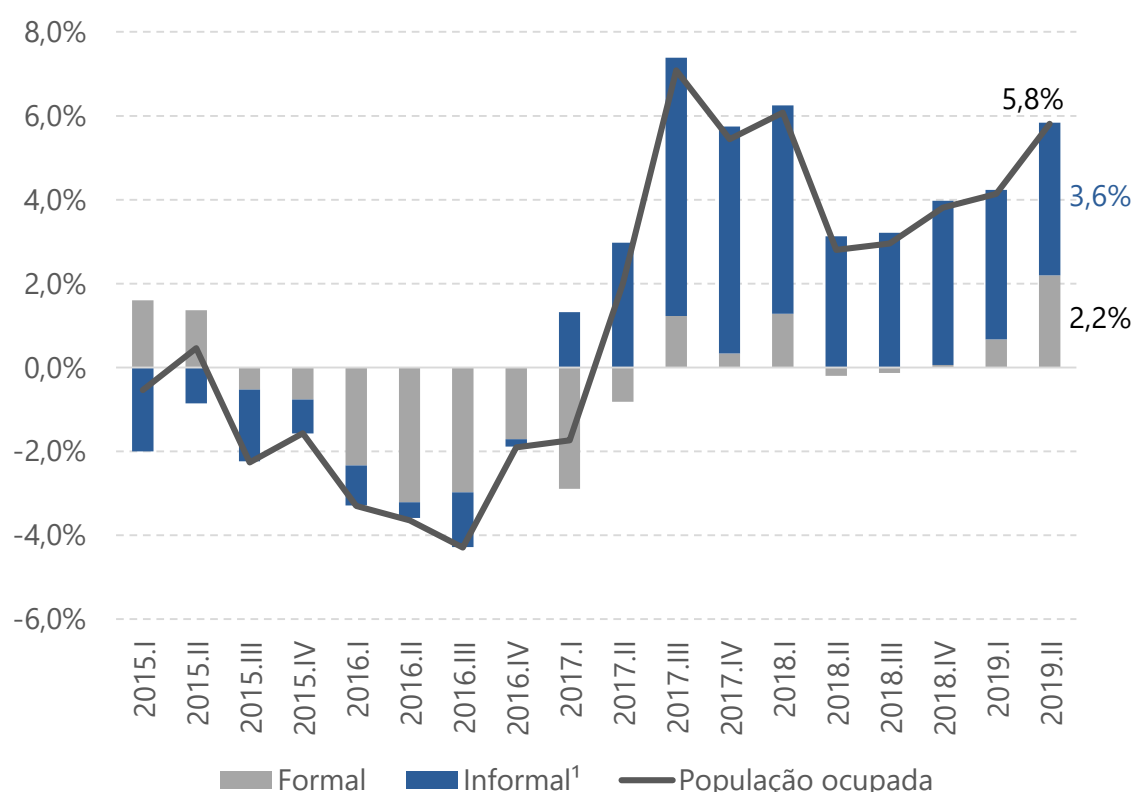


*A categoria de Empregado com e sem carteira de trabalho inclui empregados no setor privado e público.

Fonte: Estimativas obtidas por meio dos microdados da Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração: IDEIES/Sistema Findes.

Gráfico 10 – Variação da população ocupada por situação da ocupação (%) – Espírito Santo

Base: mesmo trimestre do ano anterior



¹Calculado como total de empregados privados sem carteira, trabalhadores domésticos sem carteira, conta própria e trabalhadores familiar auxiliar.

Fonte: Estimativas obtidas por meio dos microdados da Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração: LCA - IDEIES/Sistema Findes.



RENDIMENTO

No segundo trimestre de 2019, o rendimento real médio dos ocupados no Espírito Santo foi de R\$ 2.029,64, 8,3% abaixo da média nacional de R\$ 2.214,40. A maior remuneração média estimada no estado foi entre empregadores (R\$ 5.164,67), sendo a que mais cresceu na comparação com o mesmo trimestre de 2018 (16,5%). O menor rendimento estimado foi entre os trabalhadores domésticos sem carteira de trabalho assinada (R\$ 749,73). Entre os setores, a Administração Pública foi o setor com maior rendimento real médio do trabalho estimado para o trimestre (R\$ 3.344), um aumento de 15,2% em relação ao segundo trimestre de 2018.

Interessante notar a redução de 6,3% no salário médio do trabalhador doméstico com carteira de trabalho assinada, categoria que apresentou maior aumento de ocupados no período (26,7%), indicador que reforça a pior qualidade das ocupações criadas.

Gráfico 11 – Rendimentos (R\$) habitualmente recebido* por posição na ocupação e categoria de emprego no trabalho principal - Espírito Santo e Brasil
2º trimestre de 2019

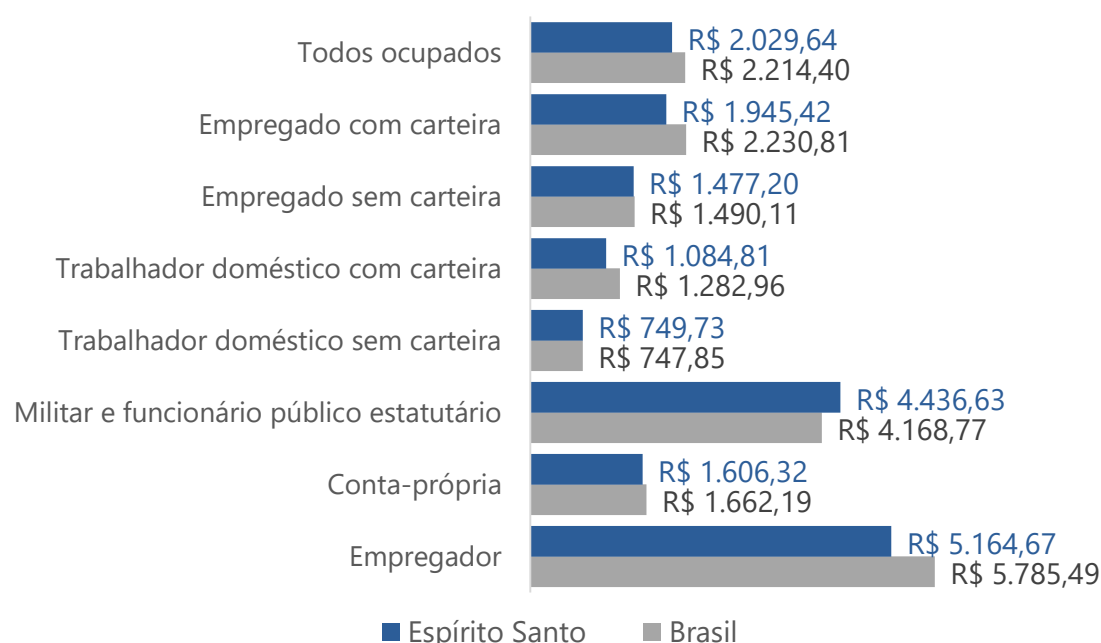
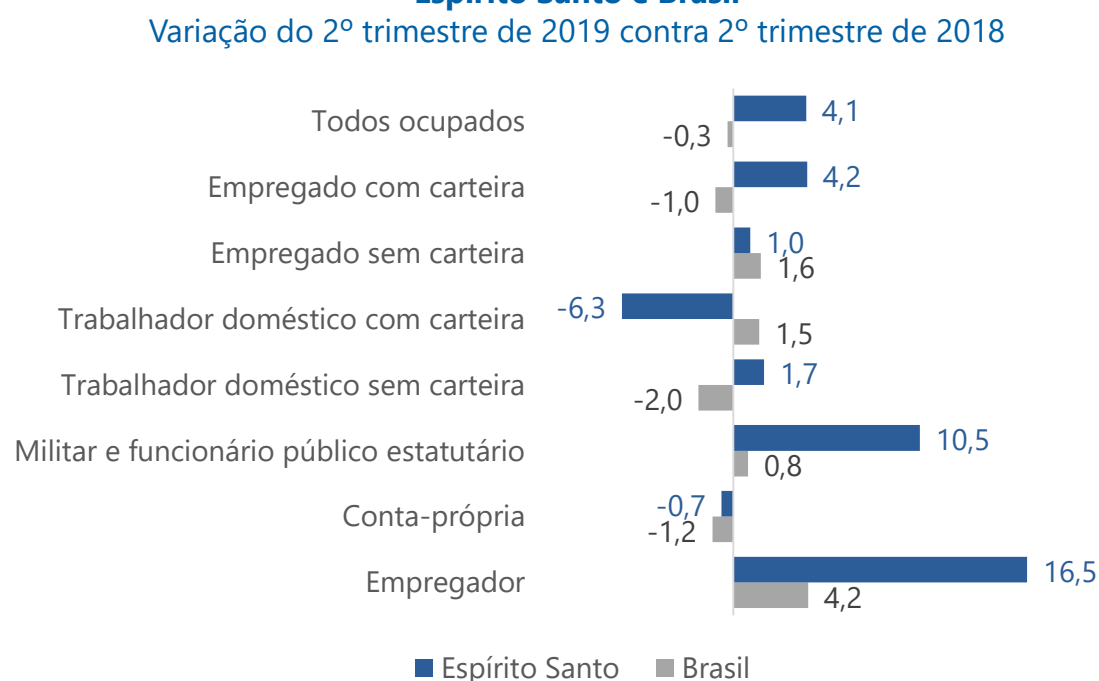


Gráfico 12 – Variação (%) do rendimento real habitualmente recebido* por posição na ocupação e categoria de emprego no trabalho principal - Espírito Santo e Brasil
Variação do 2º trimestre de 2019 contra 2º trimestre de 2018



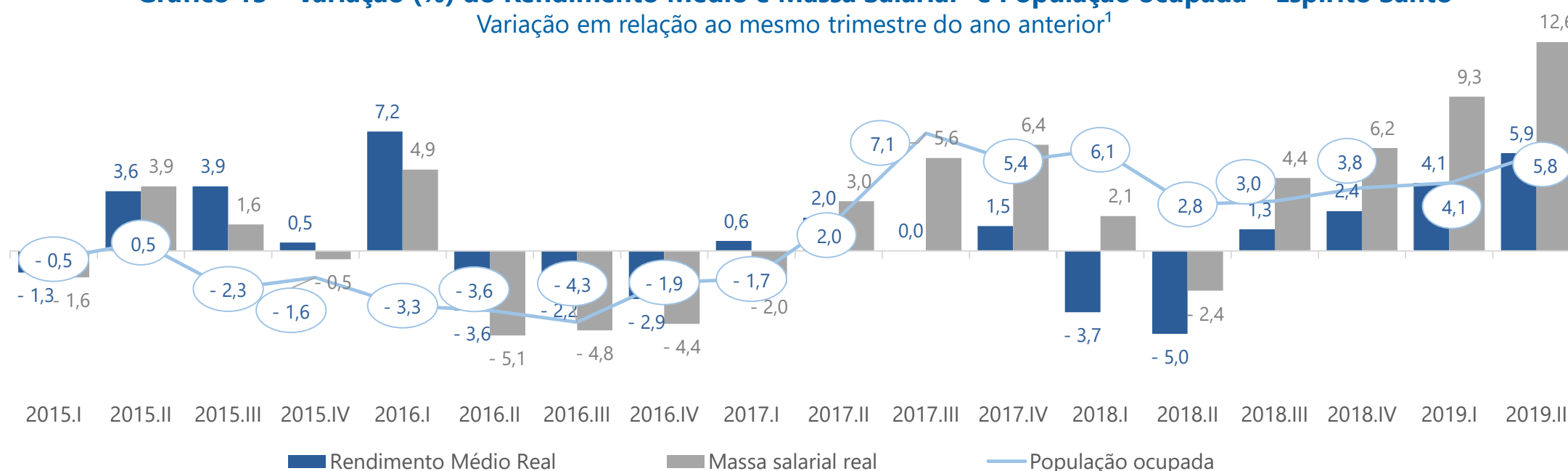
*Para melhor interpretação do indicador, sugere-se a leitura do box ao final da publicação.

Fonte: Estimativas obtidas por meio dos microdados da Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: IDEIES/Sistema Findes.

A massa salarial real em circulação na economia capixaba foi estimada em R\$ 4,03 bilhões, superior em 12,6% a massa em circulação do mesmo período do ano anterior. Este acréscimo parece ser consequência conjunta do aumento da população ocupada no período (5,8%) e da variação positiva do rendimento médio real em todos os trabalhos (5,9%). Para o Brasil a massa salarial estimada foi de R\$ 208,8 bilhões, um aumento de 2,3% em relação ao segundo trimestre de 2018.

Gráfico 13 – Variação (%) do Rendimento Médio e Massa Salarial* e População ocupada – Espírito Santo
Variação em relação ao mesmo trimestre do ano anterior¹



¹O IBGE utiliza uma metodologia para avaliar se um indicador calculado para um período apresentou variação estatisticamente significativa em relação a outro período, por meio do cálculo dos intervalos de confiança da diferença entre as estimativas em dois momentos no tempo. Assim, algumas variações apresentadas no decorrer das séries podem não ser significativas.

*Rendimento médio e massa salarial real de rendimento efetivamente recebido em todos os trabalhos. Para melhor interpretação do indicador, sugere-se a leitura do box ao final da publicação.

Fonte: Estimativas obtidas por meio dos microdados da Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: IDEIES/Sistema Findes.



ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES

Massa de rendimentos reais efetivamente recebidos em todos os trabalhos: É a soma dos rendimentos brutos efetivamente recebidos no mês de referência por todas as pessoas ocupadas em todos os trabalhos que tinham na semana de referência, a preços médios do trimestre mais recente que está sendo divulgado, com base no Índice de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA.

Nível de ocupação: Percentual de pessoas ocupadas na semana de referência em relação às pessoas em idade de trabalhar.

População desalentada: pessoas fora da força de trabalho na semana de referência, por não realizar busca efetiva por trabalho no período de 30 dias pelos motivos de não conseguirem trabalho adequado, ou não terem experiência profissional ou qualificação, ou não conseguirem trabalho por serem considerados muito jovens ou muito idosos, ou por não haver trabalho na localidade.

População desocupada: pessoas que estavam sem trabalho e tomaram alguma providência para consegui-lo no período de referência de 30 dias.

População em idade ativa: pessoas de 14 anos ou mais.

População na força de trabalho ampliada: pessoas ocupadas, desocupadas, desalentados ou não desalentadas.

População na força de trabalho: pessoas ocupadas ou desocupadas na semana de referência da pesquisa.

População não desalentada: pessoas fora da força de trabalho na semana de referência, por não realizar busca efetiva por trabalho no período de 30 dias por não se encontrarem disponíveis para trabalhar.

População ocupada: pessoas que trabalharam pelo menos uma hora ou que estavam temporariamente afastadas do trabalho na semana de referência da pesquisa.

População subocupada: pessoas ocupadas que trabalhavam menos de 40 horas e estavam disponíveis e gostariam de trabalhar mais horas que as habituais.

Rendimento médio real efetivamente recebido em todos os trabalhos: É o rendimento bruto real médio efetivamente recebido no mês de referência em todos os trabalhos que as pessoas ocupadas com rendimento tinham na semana referência, a preços médios do trimestre mais recente que está sendo divulgado, com base no Índice de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA.

Rendimento médio real habitualmente recebido no trabalho principal: É o rendimento bruto real médio habitualmente recebido no trabalho principal que as pessoas ocupadas com rendimento tinham na semana referência, a preços médios do trimestre mais recente que está sendo divulgado, com base no Índice de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA.

Taxa de desocupação: é interpretada também como taxa de desemprego. É o percentual de pessoas desocupadas, na semana de referência em relação às pessoas na força de trabalho nessa semana.

Taxa de participação na força de trabalho: Percentual de pessoas na força de trabalho na semana de referência em relação às pessoas em idade de trabalhar.

Fonte: IBGE.